

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

Turismo sem planeamento

Onésimo Almeida, que nos concede nesta edição uma interessante entrevista, para além de grande escritor e investigador, é um observador atento por todos os lugares do mundo que já percorreu.

Vive nos EUA desde jovem, mas conhece todas as ilhas açorianas como ninguém.

Todos os anos percorre muitas delas e este ano voltou a fazê-lo.

Vêm daí, do conhecimento no terreno, as suas inúmeras observações que costumam fazer, em entrevistas ou artigos, sobre a evolução do nosso arquipélago no sector do turismo.

Na entrevista que hoje publicamos volta a alertar para muitas situações a que vamos assistindo e que sabemos estarem mal, mas um olhar crítico de quem está de fora talvez seja mais avisado para os ouvidos das nossas autoridades.

Desde logo o apelo para que se liberte mais S. Miguel da pressão turística, espalhando turistas pelas outras ilhas.

Várias vozes já o disseram e é preciso que se crie uma modalidade que permita, de facto, que os turistas em S. Miguel sejam reencaminhados para as outras ilhas, sem que isto prejudique os meios de transporte - como tem acontecido com a SATA nos reencaminhamentos - e os viajantes locais.

Há que inovar na agilidade, já que a SATA não dá conta do recado.

Do que vamos ouvindo junto dos operadores do sector é que não nos preparamos para nada: não temos uma política de formação atempada, há uma grande desorientação na promoção, depois do processo vergonhoso da ATA, não temos estratégia na construção de unidades hoteleiras e estamos a tapar buracos à maneira que os problemas vão surgindo.

Já não bastava a nossa incapacidade para lidar com a crise nos sectores da agricultura e das pescas, parece que queremos matar também o único sector que vai animando a nossa economia.

Por todo o lado fala-se em abrandamento do turismo no mundo e se houver uma recessão na economia, como estão a prever os especialistas, é muito provável que possamos ficar a meio caminho.

Estamos a ser muito lentos a reflectir.

Até o famoso novo Plano de Ordenamento Turístico (POTRAA) continua em banho maria, sem se perceber o que se pretende em termos estratégicos para o sector.

Ou abrimos os olhos rapidamente e passamos a ter outra visão, ou então vamos ter de acudir muita gente, como aconteceu com os resgates na lavoura e nas pescas.

Será esta a sina açoriana?

Gilberto Vieira, Associação de Turismo Rural

“Temos ainda uma sazonalidade crónica”



O ano turístico de 2019 está a ser um ano positivo nos Açores e a expectativa para os meses que restam também está em alta, com Gilberto Vieira, Presidente das Casas Açorianas - Associação de Turismo em Espaço Rural, a revelar ao jornal Publituris que a procura está “claramente acima da média anual”, apesar de alertar que há ainda muito trabalho a fazer para combater a “sazonalidade crónica” que, diz, os Açores enfrentam.

“Nos Açores, a sazonalidade, que é profunda, tem vindo a ser esbatida, mas lentamente e de forma incipiente”, defende Gilberto Vieira em declarações à Publituris, realçando, no entanto, que os últimos anos têm sido positivos, ainda que o crescimento seja distinto de ilha para ilha.

“Esse crescimento nota-se, no conjunto das unidades nossas associadas, mas variando de ilha para ilha. Em suma, o balanço dos últimos anos é positivo e os nossos associados estão empenhados em continuar a trabalhar para a afirmação do turismo rural e de natureza nos Açores, como um produto de excelência”, refere, explicando que, para melhorar o produto, as unidades associadas das Casas Açorianas são submetidas a um “processo de classificação de qualidade controlado por uma empresa externa que contém um conjunto de parâmetros a que os associados são obrigados e avaliados regularmente”.

Muito espaço ainda para crescer

De acordo com Gilberto Vieira, “o turismo rural nos Açores tem ainda muito espaço para crescer, nomeadamente em algumas das nove ilhas onde a oferta ainda é reduzida”, e existem projectos em desenvolvimento, bem como outros prestes a nascer, segundo o presidente das Casas Açorianas.

Mas, alerta o responsável, os novos projectos devem manter “o nível de qualidade e autenticidade” a que as unidades de turismo rural nos Açores já habituaram os clientes, de forma a que não existam “deturpações ou abordagens ligeiras que poderão pôr em risco a imagem já consolidada deste segmento do turismo açoriano”.

Portugueses em maioria

Actualmente, as Casas Açorianas contam com meia centena de unidades associadas, número que, segundo Gilberto Vieira, não tem mudado muito ao longo dos últimos anos, tal como não tem mudado a origem da maioria dos clientes.

“Além do nosso país, que voltou a representar uma quota significativa da procura, depois de uma quebra acentuada nos anos da crise, mantêm-se como mercados emissores com alguma predominância a Alemanha, Holanda, França, Espanha, Itália, Suíça e Grã-Bretanha, a que se juntam, como mercados emergentes que apresentam números muito interessantes, os Estados Unidos da América, o Canadá e a Bélgica”, revela o responsável.

Já o que não tem mudado é aquilo que leva os clientes às unidades associadas das Casas Açorianas, que, segundo Gilberto Vieira, procuram, essencialmente, “conhecer as vivências que moldaram um povo em perfeita sintonia com o meio ambiente”, mas também o “sossego em contacto com uma natureza única” e “aprender algo sobre um modo de vida que ao longo dos séculos permitiu a subsistência, mas ao mesmo tempo potenciou um manancial cultural extremamente rico e diversificado”, refere o responsável nas declarações à Publituris.